



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS LARANJEIRAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

ANNA KAROLLINE DA SILVA DURVAL

**UM CASO DE IDENTIDADE: QUESTÕES ACERCA DA  
CERÂMICA KIRIRI**

ANNA KAROLLINE DA SILVA DURVAL

## **UM CASO DE IDENTIDADE: QUESTÕES ACERCA DA CERÂMICA KIRIRI**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia no departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Paulo Jobim de Campos Mello

Co- orientador (a): Verônica Maria Meneses Nunes

Laranjeiras -SE

2019

ANNA KAROLLINE DA SILVA DURVAL

**UM CASO DE IDENTIDADE: QUESTÕES ACERCA DA  
CERÂMICA KIRIRI**

Monografia entregue como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Arqueologia, a comissão julgadora da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_

Banca Examinadora

---

Orientador – Paulo Jobim Campos de Mello

---

Examinadora 1: Doutor Alberico Nogueira de Queiroz

---

Examinadora 2: Doutora Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia

**Dedico este trabalho ao meu pai, in memoriam.**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha mãe Cristina, que acreditou desde sempre no meu potencial e que com todas as adversidades não desistiu de mim, mesmo com todos os percalços que a vida nos trouxe. Agradecer mais ainda a Mainha, por segurar as pontas quando meu pai, não esteve mais conosco e virar o arrimo de família, me sustentando de longe tanto financeiramente como espiritualmente.

Agradeço também ao objeto de estudo deste trabalho os Kiriri, sem eles esse trabalho não aconteceria, me abriram as portas e me ajudaram a contar a sua história.

Aos meus amigos de Pombal, que nunca se esqueceram de mim e que me ajudaram mesmo distante a diminuir a saudade, a Rayelly, Matheus, Junior e Larisse. A UFS que me apresentou os melhores amigos dos quais irei levar para o resto da vida, Edylon, Aires, Marley, Vinicius Pereira, Leandro, Romeu, Francisco que me deram os melhores e os piores anos nesta universidade.

Agradeço as meninas da república F4 e de todas as repúblicas por me proporcionarem os melhores e piores momentos da minha vida em Laranjeiras, as meninas da republica F4, por me ensinarem sobre convivência e respeito. A Everton por está ao meu lado no amor na arqueologia e por esta no meu lado na vida, me amparando, me sustentando e me ensinando como ser uma versão melhor de mim.

Agradeço a Pedro Mel que disponibilizou seu tempo para me acompanhar nas visitas a aldeia, por seu apoio e carinho.

Agradeço a David, Karina, Théo, Dávila, Joanna, Jailson, Pedro Juan, Victor Gabriel pelo acolhimento e carinho na volta pra casa e pelos bons momentos que vivemos e ainda iremos viver.

Agradeço a todos os professores da UFS que desempenharam um papel importante sobre a minha formação.

Agradeço a Renata pelo apoio de longe e constante preocupações, por sua menina ter ganhado asas e indo para longe dela, com todas as incertezas da minha vida, você sempre foi a certeza que permaneceu.

Agradeço a mim mesmo por ser resiliente todo esse tempo e não sucumbir nos momentos mais difíceis.

## RESUMO

Esta monografia trata-se sobre as questões indígenas dos índios Kiriri e do processo de manufatura da sua cerâmica. A aldeia está localizada no sertão baiano, em Banzaê e Ribeira do Pombal. A pesquisa busca compreender o objeto de estudo que é a cerâmica, com base nos seus processos de fabricação, através da análise de suas formas, cores e funcionalidades. O objetivo desse trabalho é compreender as questões “étnicas” desse grupo com ênfase na sua produção cerâmica. A partir dessas pesquisas no local, é possível compreender a sua cultura material, diante das análises, que foram feitas. Entendendo também como é o modo de vida dos índios no Nordeste. A modo que entendendo seus processos podemos compreender as suas lutas diárias por reafirmação cultural. Os Kiriri estão se readaptando a essa nova vida, porém colocando suas particularidades culturais dentro do que produz, adicionando o que lhes é conveniente sem deixar de serem índios.

Palavras Chaves: Kiriri; cerâmica indígena; tradição/grupo étnico, índios, nordeste.

## RESUMEN

Esta monografía trata los temas indígenas de los indios Kiriri y el proceso de fabricación de sus cerámicas. El pueblo está situado en el interior de Bahía, en Banzaê y Ribeira do Pombal. La investigación busca comprender el objeto de estudio que es la cerámica, en función de sus procesos de fabricación, a través del análisis de sus formas, colores y funcionalidades. El objetivo de este documento es comprender los problemas "étnicos" de este grupo con énfasis en su producción de cerámica. A partir de estas investigaciones in situ, es posible comprender su cultura material, a la luz de los análisis que se realizaron. Comprender también cómo es la forma de vida de los indios en el noreste. Entonces, al comprender sus procesos, podemos entender sus luchas diarias por la reafirmación cultural. Los Kiriri se están adaptando a esta nueva vida, pero están poniendo sus particularidades culturales en lo que producen, agregando lo que les conviene sin dejar de ser indios.

Palabras llave: Kiriri; cerámica indígena, tradición / grupo étnico, indios, noreste.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Terra indígena Kiriri delimitada. Fonte: FUNAI - DAF	1
Figura 2: Mapa dos Aldeamentos Kiriri no século XVII. Fonte: Santos, 2017	12
Figura 3: Mapa Cut Nimuendaju. Fonte: Biblioteca digital Cut Nimuendaju, 2019	13
Figura 4: Imagem da distribuição de importantes áreas de ocorrência cerâmica pré-colonial na região Nordeste do Brasil. Fonte: Luna, 2006	24
Figura 5: Serra do Araçás local de coleta da argila. Fonte: Arquivo da autora, 2018	34
Figura 6: Área delimitada Kiriri. Fonte: Google Earth, 2019	35
Figura 7: Praça central da Mirandela. Fonte: Arquivo da autora, 2018	36
Figura 8: Pote cerâmico Kiriri. Fonte: Arquivo da autora, 2018	37
Figura 9: Forno para queimar cerâmica. Fonte: Arquivo da autora, 2018	38
Figura 10: Local para armazenamento das cerâmicas. Fonte: Arquivo da autora, 2018	38
Figura 11: Cachimbo Kiriri. Fonte: Arquivo da autora, 2019	39
Figura 12: Semente utilizada para fazer o tratamento da superfície da cerâmica. Fonte: Arquivo da autora, 2018	40
Figura 13: Pilão para macerar o Tauá. Fonte: Arquivo da autora, 2018	41
Figura 14: Detalhe dos desenhos feitos na cerâmica. Fonte: Arquivo da autora, 2018	42

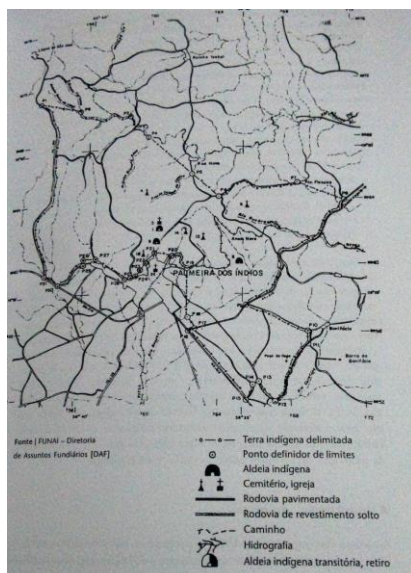
## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1. PANORAMA GERAL KIRIRI: CONSTRUÇÃO E DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS (IDENTIDADE E ETNICIDADE) .....</b>	<b>4</b>
1.1. PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM NATURAL .....	17
<b>CAPÍTULO 2. CERÂMICA CONTEXTO GERAL/ARQUEOLOGIA E CERÂMICA.....</b>	<b>.19</b>
2.1 GRUPOS CERAMISTAS PRÉ- HISTÓRICOS.....	21
2.2 ARQUEOLOGIA NO NORDESTE: POVOS QUE HABITAM O SERTÃO E SUAS CERÂMICAS.....	23
2.3 ARQUEOLOGIA NA BAHIA, PRIMEIROS PASSOS.....	28
<b>CAPÍTULO 3. CERÂMICA KIRIRI.....</b>	<b>.32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que trata sobre um grupo indígena que resiste, ainda nos dias atuais em fazer cerâmica e comercializá-la tanto para uso próprio como para subsistência. Os Kiriri habitam uma área no nordeste da Bahia localizada em Banzão uma porção de terra que é designada aos índios desde a sua homologação em 1970. Os Kiriri residem em um aldeamento que é subdividida em outros aldeamentos que englobam: Mirandela (antigo Saco dos Morcegos), Segredo, Novo Segredo, Pau Ferro, Araçás, Marcação, Baixa da Cangalha.

Figura 1: Terra indígena Kiriri delimitada



(Fonte: Funai – DAF - Diretoria de assuntos fundiários)

Eles fabricam sua cerâmica para manter viva a linha tênue existente entre ser índio e conviver numa sociedade não indígena. A cerâmica é um marcador cultural ao que resiste há tempos. Discutir sobre quais as características culturais que elas

carregam é colocar, como essa aldeia se comunica dentro da sociedade. Trabalhar com um grupo que ainda está vivo e produz essa cerâmica, mostra o quão resistente é o “se fazer cerâmica”. Os Kiriri fazem parte de um seleto grupo de indígenas aos que ainda sobrevivem e fazem seus rituais e seus potes para subsistência dos mesmos. O objetivo desse trabalho é compreender as questões “étnicas” desse grupo com ênfase na sua produção cerâmica (entendendo como se dá a cadeia operatória dessa fabricação) assim como esse processo de manufatura reafirma as suas questões culturais mantendo esses traços indígenas ainda vivos. Outro objetivo desse trabalho é entender o processo de produção cerâmica, desde a sua coleta de matérias primas até que ela esteja pronta, fazendo uma análise das suas formas, decorações e dos processos (como por exemplo poder inferir quais antiplásticos são os mais utilizados para o fabrico e o porquê da preferência dos mesmos dentro do processo) indagar ainda o porquê da preferência de uma cerâmica mais simples sem muitos detalhes e rebuscamentos. O entendimento dessa opção de fazer uma cerâmica comercial e usual para eles é um ponto ao que pretendemos trabalhar e compreender, desde seus rituais para fazer a cerâmica, até a sua utilização dentro do aldeamento.

Os Kiriri estão comprometidos nesses últimos tempos com um processo de continuação de sua identidade étnica pois são nativos, mas não são considerados como tais pela sociedade nacional e sim como caboclos (mestiço do branco com o índio). Essa identificação errônea que a sociedade propõe para esses índios deixa claro o desconhecimento da sua cultura e só faz criar um conflito entre os que são índios e o que não são.

Darcy Ribeiro em *O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, esboça algumas questões sobre isso:

Índios e brasileiros se opõem como alternos étnicos em um conflito irreduzível, que jamais dá lugar a uma fusão. Onde quer que um grupo tribal tenha oportunidade de conservar a continuidade da própria tradição pelo convívio de pais e filhos, preserva-se a identificação étnica, qualquer que seja o grau de pressão assimiladora que experimente. Através desse convívio aculturativo, porém, os índios se tornam cada vez menos índios no plano cultural, acabando por ser quase idênticos aos brasileiros... (RIBEIRO, 1997, pág. 101)

O capítulo 1 tratará da história dos Kiriri e do processo de demarcação de suas terras, o capítulo 2 trará um pouco sobre o surgimento da cerâmica e como ela foi trabalhada no Nordeste. Já capítulo 3 tratará sobre a cerâmica Kiriri e seu processo de manufatura e sua importância para a identidade dessa etnia.

## **Capítulo 1: PANORAMA GERAL KIRIRI: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS (IDENTIDADE E ETNCIDADE INDÍGENA)**

Refletir sobre a importância indígena na história do Brasil é compreender como a dinâmica indígena se construiu e se transformou nessa política indigenista que temos nos dias atuais. Através do “encontro” de europeus, africanos e tanto outros povos, alguns indígenas sofreram com a extinção ou foram obrigados a se readaptar a novos modos de vida, tanto para os Kiriri como para outras populações. Porém de certa forma esse processo levou o que nós temos hoje como mestiçagem e o que mais cabe aos índios aqui referidos, a mistura deles com tantos outros que fazem ser esse povo indígena do sertão diferente de todos os outros. Este encontro levou a uma quebra dos seus próprios modos, rituais e crenças para que fossem suplantados outros e assim colonizados. Por mais que a visão étnica que possuímos desses povos seja do conquistador tais informações nos levam a entender como essa diversidade é importante para os indígenas.

Para melhor compreensão dos povos Kiriri é preciso entender como se deu o processo de expansão dos índios pelo território brasileiro com as hipóteses levantadas por alguns autores como, por exemplo, Donald Lathrap (1970), Michael J. Heckenberger junto com Eduardo Góes Neves e James B. Peterson contribuíram com o texto *De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupis na Amazônia Central* (1998). Podemos considerar os Kiriri como uma etnia que se encaixa na família Tupi, e com um tronco linguístico macro-gê, definidos pela língua Kipeá-Kiriri

Sabemos que a história indígena do Brasil é muito rica devido a pluralidade cultural presente nos diversos grupos/famílias dos troncos destas sociedades. Temos hoje em dia uma gama de pesquisadores que estudam a respeito da cultura indígena no Brasil com o intuito minimizar as lacunas sobre a pré-história brasileira (quem habitava, como viviam, o que utilizavam etc.), justamente para entendermos esse processo “civilizatório” do nosso passado, porém as primeiras abordagens feitas a esses grupos foram muito distintas das atuais. Desde a época do contato ao início do século XX os índios eram vistos como selvagens principalmente em razão da perspectiva eurocêntrica, tendo em vista um viés evolucionista eles eram tidos como, menos evoluídos num âmbito mundial. Deixando de lado esse aspecto sobre a população indígena, levando em consideração esse viés evolucionista, um parêntese sobre como eram tratados os objetos arqueológicos sobre esse olhar evolucionista já que a questão do artefato é muito importante nesse trabalho. Tal aspecto veio se propagando até as primeiras abordagens em peças arqueológicas feitas pelos naturalistas no início do Séc. XIX no Museu Real, na qual essas peças eram tratadas como curiosidades. Podemos dizer academicamente que esse cenário está totalmente o oposto do que veio se desenvolvendo ao longo dos anos, o nível de informação que temos talvez não tivesse nem sido sonhada pelos primeiros pesquisadores.

Sendo assim, a partir de uma série de análises dos registros deixados por aqueles que passaram por essas terras em tempos pretéritos, podemos não apenas descrever as características básicas de um caco cerâmico ou objeto lítico, mas a partir deles indagar uma sequência de características que fermentavam a vida social do seu grupo, aspectos simbólicos, função, (apesar que a função de um objeto pode ser ressignificada várias vezes durante a vida útil do mesmo, com aspectos simbólicos) dentre tantas outras coisas, dependendo do que o pesquisador está procurando como: processos migratórios, vestígios de agricultura podendo ou não indicar sedentarismo, localização etc.

A perspectiva colonial, do europeu branco explorando um passado exótico e distante, predominou até a institucionalização da arqueologia dentro de museus e centros de pesquisa científica, a partir do século XIX. Ironicamente, movimentos que valorizaram a cultura indígena, como os movimentos nativistas, o romantismo, e mesmo o modernismo, pouco influíram no desenvolvimento de uma arqueologia mais científica e menos eurocêntrica. (BARRETO, 1999-2000. p.33)

Como esses índios vieram parar no sertão nordestino? Tratando de expansão ou migração esse é o debate não só na arqueologia, mas também em outros ramos da ciência. Para Noelli (1996), o termo correto para se utilizar seria o de expansão, pois a migração exige que você esteja em lugar e migre para outro abandonando esse primeiro local, porém o que acontecia com os Tupi era totalmente o contrário. “No caso dos Tupi este termo (migração) seria mais adequado para definir as movimentações que os mesmos realizaram, motivados pela pressão de outros povos, como por exemplo, após 1500, dos europeus.” (NOELLI, 1996. p.10).

As expansões, anteriormente ao período de contato já vinham sendo feitos fluxos expansivos pelos tupis, possivelmente devido ao crescimento demográfico. “Conforme estudos arqueológicos, foi possível verificar que os Tupi mantinham a posse de seus domínios por longos períodos, expandindo-se para novos territórios sem abandonar os antigos”. Brochado (1984, Apud. Noelli, 1984; Scatamacchia, 1990; Noelli, 1993). Dois modelos são bem claros sobre essas hipóteses o primeiro é defendido por Von Martius e Alfred Métraux que explica a expansão tupi teria sido do Sul para o Norte, os grupos teriam entrado pelo Paraguai e passaram pela bacia do rio Paraná, os Tupinambá passaram pela bacia do Tietê e subiram pelo litoral e os Guaraní subiram pelo Oeste do Brasil. Com base em componentes linguísticos também foram tratados possíveis centros de origem:

Paul Rivet (1924), influenciado por Martius e Ehrenreich, após comparar diversas línguas, propôs o centro de origem entre os rios Paraguai e Paraná, na altura do Paraguai. [...] Ayron Rodrigues, em



1964, com outros critérios a partir do método do léxico-estatístico e da noção de que a concentração da maioria das famílias de um tronco linguístico numa mesma área sugeriu o centro de origem dos tupis deveria ser procurado na região de Guaporé. (RODRIGUES 1964:103. apud. FAUSTO, 1992)

O segundo modelo foi inventado por Lathrap (modelo cardíaco). Sua proposta é que o centro de origem está situado na Amazônia e que os grupos vieram descendo o Brasil. Lathrap tentou explicar a distribuição dos grandes grupos linguísticos e estilos cerâmicos na Amazônia através de seu "modelo cardíaco". "Esse modelo preconizava que a pressão populacional nas áreas ribeirinhas da Amazônia central, que ele acreditava ter sido o centro mais antigo de desenvolvimento de agricultura e sedentarismo no continente americano Lathrap (1974,1977, apud. Heckenberger, Neves, Peterson 1998)". Levando em consideração esse ponto de origem no médio Amazonas, dois centros de expansão populacional teriam ocorrido: um em direção à foz do Amazonas, estendendo-se depois para leste, povoando toda a costa atlântica brasileira até, aproximadamente, os limites entre São Paulo e Paraná; outro em direção meridional, por via das bacias do Uruguai.

Múltiplas fontes de pesquisas são essenciais para a construção da história de uma sociedade, portanto não podemos ficar presos apenas a textos ou objetos nesse processo de criação de identidade. Quanto mais o arqueólogo busca estar no passado, mais distanciado pelo tempo ele está. O que ele busca entender desse meio cultural do passado ele nunca verá.

Na prática, muitas das nossas tentativas de compreender o passado são interpretados através da comparação com fenômenos dissimilares. Nós comparamos observações etnográficas de comportamento atual com observações arqueológicas dos vestígios remanescentes de comportamentos culturais pretéritos. Se nosso objetivo é a compreensão do comportamento cultural no passado, tal comparação supõe a existência de um isomorfismo relativamente óbvio entre um comportamento e a representação arqueológica derivada dele. (LATHRAP; NEVES pág. 317, 1979, apud. ALMEIDA 2016)

O nome Tapuia vem do tupi que significa 'fugidos da aldeia', e era um termo utilizado para designar as outras etnias que não falassem tupi e tinham costumes muito diferentes, este termo não é uma designação de uma etnia, era uma diferenciação que os próprios indígenas davam a um povo com um costume muito contrário aos deles, os Tapuias eram considerados diferentes por não falar a língua tupi.

Antes da invasão holandesa, o conhecimento que em geral se tinha dos Tapuias e particularmente dos Cariris era através das suspeitas informações dos índios tupis, seus inimigos. Entretanto, já se haviam verificado alguns contatos de missionários e sobretudo de aventureiros com estes aborígenes. (SOBRINHO, 1934, p.8)

Desde o contato dos primeiros colonizadores no sul da Bahia com os Tupinâmbas (pelo litoral sul da Bahia) muitos anos de história e colonização se passaram até os dias atuais. É imprescindível destacar que a perseverança de resistir dos aldeamentos indígenas frente a um massivo ataque dos dominadores é uma vitória, eles estavam cansados de lutar e então foram dominados. Porém essa resistência se mostrou mais forte e persistente e foi de grande valia para as lutas que ainda estavam por vir. Desta forma podemos compreender o sertão como um espaço territorial.

Os Kiriri sofreram com embates entre os posseiros que queriam viver das terras indígenas, (nesse processo muitos indígenas foram mortos e as casas foram invadidas pelos posseiros) até a sua demarcação em 1981 para os indígenas sobreviverem foi aos trancos e barrancos. Foi um processo lento a da demarcação até que a FUNAI conseguisse a demarcação. Apesar dos desafios eles conseguiram junto a FUNAI se reafirmar perante aos fazendeiros da região. Ha esse dia marcante é comemorado até os dias atuais na data do dia 11 de novembro que é conhecida como a reconquista da Mirandela.

Como funcionou esse processo de ocupação das terras indígenas já que é um assunto delicado por envolver tantas questões (dando ênfase nas ocupações

indígenas na Bahia). Segundo a FUNAI o direito a posse de terras indígenas é um direito originário:

“trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada” (FUNAI. Terra indígena: o que é? Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-32>> acesso em 09 de abril de 2019, às 10:00 hrs).

A TI (terra indígena) é um direito indígena, e é um ato que segue leis e termos legais da Constituição de 1988. O caso dos aldeamentos Kiriri não fogem à regra sendo que representam hoje um traço do que a colonização trouxe para esse grupo. O aldeamento Kiriri foi conquistado e catequizado pelos padres jesuítas Jacob de Roland e João de Barros. Esses agentes europeus que desbravaram do litoral ao sertão, trazendo ao aldeamento mais semiárido mais longe da costa um missionarismo catequista. Esses povos mesclados, mestiços que povoam o Nordeste são de uma característica própria, diferentes dos povos que margeiam a costa. Pode-se inferir que pela mistura, as inúmeras diferenças desses índios são claras. Quando se é colocado o termo tapuia (que não cabe uma distinção étnica mais sim uma designação para os indígenas do interior do país) agrega-se, uma série de atributos que marcam a diferença dos índios tapuias aos outros indígenas que não pertencem a essa etnia. Sampaio (s/d) exemplifica como era o processo de ocupação das terras indígenas na Bahia no passado:

“Os povos indígenas na Bahia estão inseridos em dois contextos históricos e regionais básicos e bem definidos; o do semi-árido nordestino ao Norte do estado, praticamente todo ele conquistado por frentes de expansão da pecuária durante o século XVII, e onde boa parte da população indígena sobrevivente à conquista foi reunida até o século XVIII em aldeamentos missionários de ordens religiosas como as dos jesuítas e franciscanos;” (SAMPAIO, p.1, s/d)

Adentrando um pouco sobre como os indígenas nas Américas, Cunha (1992) cita que os índios que aqui habitavam possuíam um primitivismo, um primitivismo ilusório, a autora coloca que com a evolução muitos povos ficaram na base da evolução e assim não cabendo estudar-lhes a sua história. A dizimação dos índios da América não se deve somente aos primeiros contatos feitos pelos europeus. A sede pela escravidão, guerras foram um fator de importância eminente para que isso ocorresse. Se tratando dessa política indigenista o começo foi brando, os índios foram usados como escambo, porém com o passar do tempo eles não eram mais necessários para essas trocas comerciais e sim para escravidão.

Sabe-se pouco da história indígena :nem na origem, nem nas cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais clara, pelo menos, a extensão do que não se sabe. (CUNHA,1992, p. 11)

Antes de compreender como aconteceu o processo para a divisão de terras é preciso entender como o órgão da FUNAI credita essa divisão. O processo de demarcação, regulamentado pelo Decreto nº 1775/96, é o meio administrativo para identificar e sinalizar os limites do território tradicionalmente ocupado pelos povos indígenas. Nos termos do mesmo Decreto, a regularização fundiária de terras indígenas tradicionalmente ocupadas compreende as seguintes etapas, de competência do Poder Executivo:

- i) Estudos de identificação e delimitação, a cargo da Funai;
- ii) Contraditório administrativo;
- iii) Declaração dos limites, a cargo do Ministro da Justiça;
- iv) Demarcação física, a cargo da Funai;
- v) Levantamento fundiário de avaliação de benfeitorias implementadas pelos ocupantes não-índios, a cargo da Funai, realizado em conjunto com o cadastro dos ocupantes não-índios, a cargo do Incra;
- vi) Homologação da demarcação, a cargo da Presidência da República;

- vii) Retirada de ocupantes não-índios, com pagamento de benfeitorias consideradas de boa-fé, a cargo da Funai, e reassentamento dos ocupantes não-índios que atendem ao perfil da reforma, a cargo do Incra;
- viii) Registro das terras indígenas na Secretaria de Patrimônio da União, a cargo da Funai; e
- ix) Interdição de áreas para a proteção de povos indígenas isolados, a cargo da Funai.
- (FUNAI, 1919)

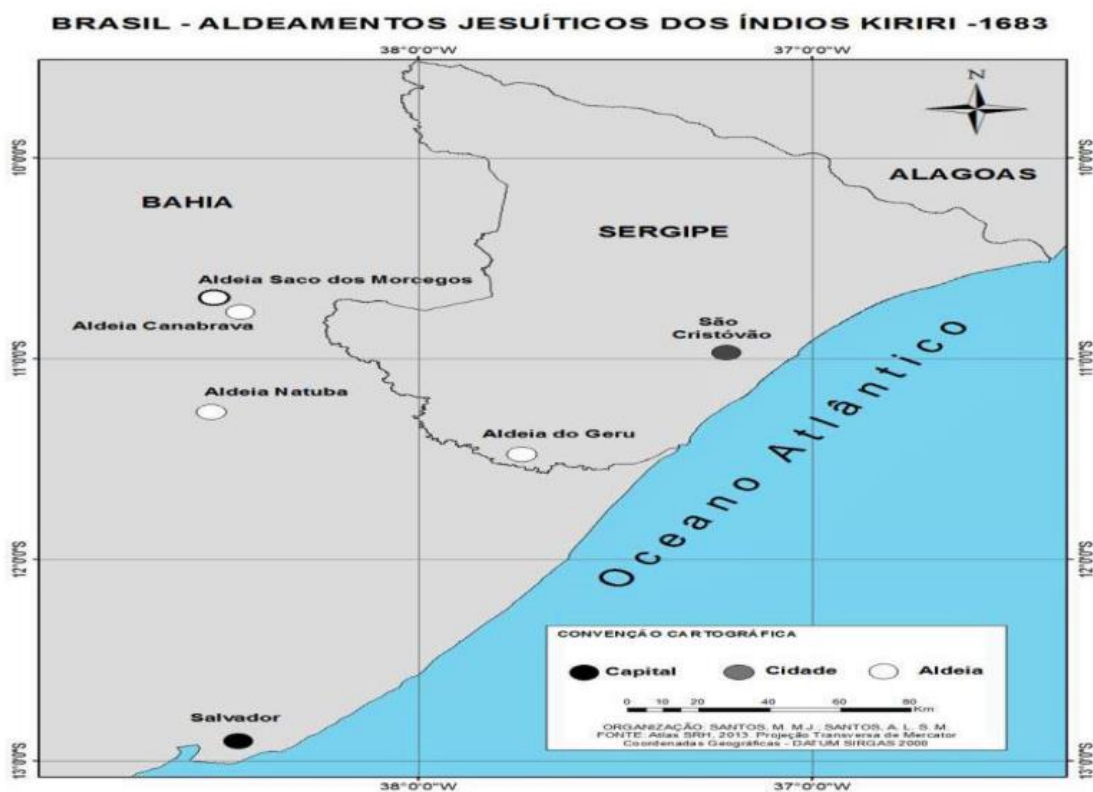
Em 1700, através de um alvará régio, foi doado aos Kiriri um território de 12 300 ha, o equivalente a uma légua em quadra, em forma de octógono. No decorrer de mais de dois séculos, esses índios viram suas terras passarem para mãos de brancos, sua língua e parte de seus traços culturais desaparecerem. O confronto entre o povo Kiriri e a sociedade que habitava a região, se torna mais agressiva a partir de 1970, quando os Kiriri buscam sua validação para sua identidade étnica, sempre buscando uma recuperar o seu território tomado pelos não índios.

A terra Kiriri é dividida entre Massacará, Baixa da cangalha, Mirandela antes conhecida como Saco dos Morcegos (como centro principal do aldeamento, o nome foi mudado quando houve a “expulsão” dos jesuítas então decidiu-se apagar o nome subentendendo que assim apagariam sua história), Pau Ferro, Aráça, Marcação, Segredo (hoje conhecida como Novo Segredo ), Curral Falso, Lagoa Grande e Gado Velhaco. Parte da terra em Banzãe (95%) e apenas 5% no município de Quinijigue. Somente em 11 de novembro de 1995 depois de muitos conflitos entre os posseiros da região é que as terras Kiriri foram desocupadas e assim os indígenas tiveram a grande reconquista de suas terras no principal aldeamento de Saco dos Morcegos (Mirandela). Como já foi citado a designação da palavra Kiriri vem de um vocábulo Tupi que significa povo calado, porém a outro possível significado para o nome dessa tribo dado pela própria população. Na figura 2 podemos ver o aldeamento Kiriri em 1683, que era um aldeamento jesuíta.

O povo Kiriri são descendentes da grande nação Kariri que segundo Fernando Índio Kiriri esse nome tem seu significado relacionado por uma árvore de nome kiri que antes da destruição das matas existia ali, quando construíram a igreja de Mirandela, os índios plantaram um pé

dessa árvore Kari a qual deu origem ao nome da nação Kiriri.  
(CARVALHO, SILVA, 2009, pág. 4)

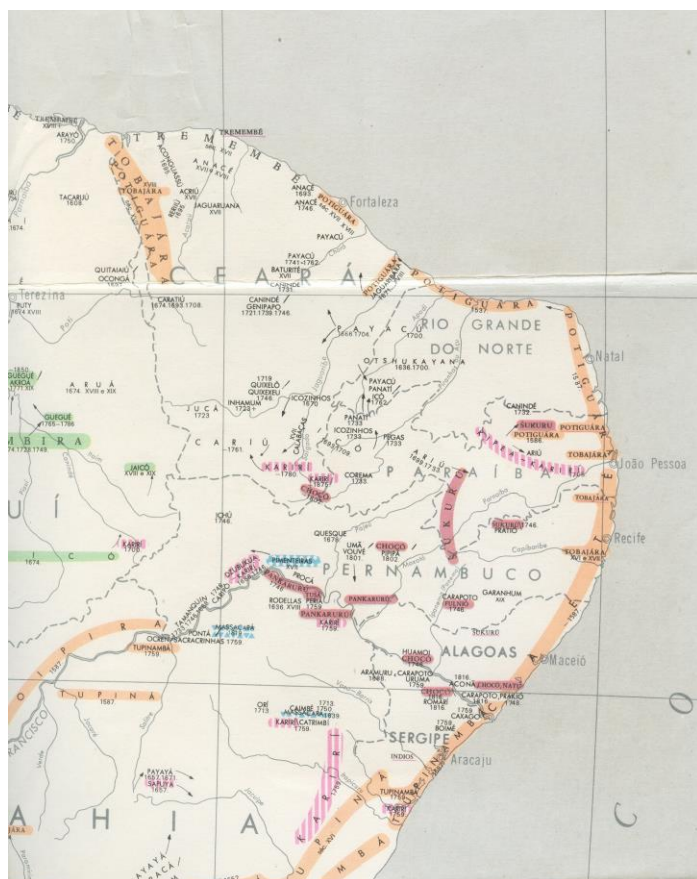
Figura 2: Mapa dos aldeamentos Kiriri no século XVII



Fonte: Santos (2017)

Na imagem abaixo podemos ver o um trecho do mapa de Cut Nimuendaju que mostra onde se localiza a aldeamento Kiriri e outros aldeamentos.

Figura 3: Mapa Cut Nimuendaju



Fonte: Biblioteca digital Cut Nimuendajú , 2019

O mapa mostra não somente a aldeia Kiriri mais as aldeias da costa e as que fazem parte do sertão da Bahia.

Fabricar a cerâmica para esse grupo indígena significa muito mais do que somente produção da mesma para uso interno ou comércio é uma questão de reafirmação da sua própria identidade como nativo. Essa reafirmação da etnicidade, da identidade, traz consigo um marco de manter viva a cultura indígena, da língua á cerâmica, ratificando que essa afirmação é poder e poder traz visibilidade. Essa reafirmação, abarca consigo aliada ao movimento de manter viva a ressurgência desses índios que habitam o Nordeste e consequentemente o sertão nordestino. Essa ideia de dar (re)significação ao movimento indígena é puramente política, e pode

trazer fortalecimento das identidades às quais eles querem demonstrar a todos como vivem e sobrevivem por todos esses anos.

Essa etnicidade não é um traço isolado, vem se construindo todos os dias e sendo (re)significada pelos indígenas a todo momento quando demonstram seus rituais livremente, quando usam suas roupas (ou não usam), quando produzem seu artesanato. Essa demonstração está imbricada diretamente no seu conceito e entendimento do ser índio. E a liberdade de ser o índio (de poder consolidar essa identidade étnico-racial de maneira livre) nos dias atuais, ainda não é totalmente compreendida, a população não índia ainda pensa que para ser índio é necessário que ele esteja pelado, caçando e coletando como era colocado nos livros de história. Porém os tempos são outros e os índios, por mais que tenham evitado a todo custo o contato com o homem branco ele não puderam evitar que tivessem sido aculturados pelos mesmos.

A identidade cultural - definindo-a de forma mais simples - é o mecanismo que "permite" que um sujeito localize num sistema social e seja localizado socialmente. (CUCHE, 1999, p.177. APUD, PINTO, 2013, p.23)

Essa (re)significação está colocada em pauta dentro da sua materialidade podendo assim recorrer esses artefatos para afirmar que é índio e se encontrar com as suas raízes, no discurso que vai sendo trabalhado sobre essa materialidade dos Kiriri. É um processo que eles podem viver sim como índios, colocando seus traços culturais dentro daquele processo de fabricação tanto da cerâmica quanto de outros artefatos. Essa reconquista tanto da sua história como da sua materialidade é base para que eles possam continuar repassando suas origens e seus conhecimentos a frente sem ter que provar a todo momento quem são. A identidade de um povo é como ele se enxerga dentro da sociedade, e quais seus traços são eminentes dentro do seu meio.

Podemos inferir que essa questão de identidade suprimida, com uma colocação feita por Cortês (1996), com a saída dos jesuítas da aldeia os índios se sentiram livre



e decidiram mudar o nome da aldeia. Saco dos Morcegos (nome esse que tinha sido dado pelos jesuítas ao aldeamento) passaria a se chamar Mirandela, para os índios mudar o nome da aldeia, era de suma importância e apagaria de alguma forma a história de contato com os jesuítas. No que diz respeito a sua materialidade o artesanato e a fabricação da cerâmica são seus meios de sustento para a aldeia, salientando o que dizem Carvalho e Lopes (2009)

A cultura para o povo de etnia Kiriri é de fundamental importância para diferenciar os índios dos não-índios, no entanto procuram usar sempre as vestes que preservem a sua tradição como saias de pindoba usadas por todos da aldeia por cima do short. As mulheres usam além da saia um sutiã feito do mesmo material e ambos usam adereços na cabeça. Segundo eles é essa caracterização que os faz ser diferentes dos outros povos, sentem orgulho de serem Kiriri (CARVALHO, LOPES p. 38)

Podemos ver que esse processo (re)afirmação de (re)significação étnico-racial dos Kiriri é constante já que a eles foi tanto negada ao longo de sua história, alvos de muitas brigas com os posseiros da região que afirmavam a todo momento que ele não eram índios. Com tantas diretrizes que o arqueólogo pode tomar é necessário saber como trabalhar com o indígena e sua materialidade nos dias atuais. É importante tecer comparações entre a oralidade e o material para se ter várias teorias de como era utilizada aquele material dentro da tribo. Esses estudos realizados sobre a etnogênese ( processos de reconstrução cultural, reestruturação étnica desses índios nordestinos) tem uma grande valia para uma busca de um movimento indígena mais centrado ver Oliveira Jr. (1993). Essa materialidade será trabalhada nos capítulos que virão com base na análise pós-processualista da arqueologia sobre esse material cerâmico, assim com uma análise histórico culturalista da sua cerâmica sobre os materiais que fazem a composição deste artefato.

Os Kiriri são denominados genericamente como Tapuias, porém eles estão vinculados a um tronco linguístico que é o da família macro-jê. O Kipeá é o dialeto

falado por esse grupo, nos dias atuais existem uma tentativa muito grande para que a língua falada no passado seja recuperada. O nome Kiriri foi atribuído pelos Tupis da costa a esses indígenas, podemos colocar a hipótese que eles são descendentes dos Tupi, porém com uma etnia própria.

## 1.1 PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM NATURAL

Pelo dicionário a palavra paisagem significa: extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama. Conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar. Só que paisagem é um algo muito mais complexo, não está somente no olhar, mais também na percepção dessa passagem com outros sentidos, como olfato, tato, visão e até mesmo o paladar. Esses sentidos nos propiciam a ter um melhor entendimento da paisagem como um todo. A geografia entende a paisagem como um conceito entre o homem e a natureza em correlação com a gestão espaço territorial. A geografia ainda compreende dois tipos de paisagem a paisagem natural e a cultural, a natural entende-se como os espaços físicos de vegetação, geologia, geomorfologia entre outros e a cultural tudo aquilo que é feito pelo homem e as modificações que ele faz dentro do espaço.

Paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Ou ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos concretos. (SANTOS,1997 apud SUERTEGARAY p.5, apud, SILVEIRA:p.3)

Desde sempre a paisagem é um tema recorrente dentro da arqueologia porque nos possibilita ter uma ideia de como as mudanças que a paisagem sofreu influenciaram no modo de vida daquele local. Foi um longo caminho para que as noções de paisagem e arqueologia se juntassem em um interesse comum, essas ideias só foram possibilitadas pelas novas escolas teórico-metodológicas do processualismo e pós-processualismo. É importante salientar que essa paisagem ela não é inerte e que ela se modifica seja com a interferência do homem ou não. Essa área de estudo, está ligada a diversos enfoques multidisciplinares a fim de entender como os povos mudaram e modificaram a paisagem ao seu redor (levando em consideração as ideias da geografia e a suas noções de paisagem e espaço, porém trazendo esse viés para a arqueologia).A paisagem cultural foi modificada quando os

jesuítas chegaram às terras Kiriri, construindo igrejas, casas de tijolos e transformando a paisagem antes indígena bucólica em uma paisagem mais “urbana”.

Silva - Mendes (2007), parafraseando Bradley (2000) afirma que, até mesmo as paisagens que não tiveram modificações podem ser consideradas paisagens culturais.

(...) revelam marcos simbólicos na mente das comunidades humanas que utilizam um espaço e dão significados às unidades elementares da paisagem, vale dizer, de apropriações de cunho mitológico, territorial e outros que transformam uma unidade elementar da paisagem de pouca frequência no espaço em algo delimitador.  
(BRADLEY 2000, apud. FAGUNDES, 2009, p. 304)

Inserir a paisagem no conceito da arqueologia é importante não por analisar somente a parte do espaço, como também as modificações da paisagem dentro da problemática da pesquisa. Com a criação da arqueologia da paisagem pelos arqueólogos processuais e pós-processuais contextualiza -lá dentro do campo fica mais fácil e mais abrangente para a arqueologia, muito mais ampla e fluida esse ramo possibilita várias indagações.

## 2.CERÂMICA CONTEXTO GERAL/ARQUEOLOGIA E CERÂMICA

De todos os objetos ao quais os arqueólogos se demandam a estudar, a cerâmica é aquela que mais pode falar sobre o modo de vida dos seus antepassados. Desde sua criação a sua importância dentre os povos só foi crescendo ainda mais. Por ser uma das poucas matérias que resiste ao tempo a cerâmica traz consigo verdadeiros tesouros sobre o passado do povo ao qual pertencia, sua finalidade transparecia a muito mais do que apenas um recipiente para armazenar alimentos, era usado para ritualística de várias maneiras. Desde os primórdios de quando foi criada a cerâmica exibe um papel de suma importância para humanidade e seus usos vão além de somente ser um recipiente de armazenamento. Ela foi inventada a partir da manipulação da argila, bem antes período neolítico, idade da pedra polida, início da agricultura em 25.000 a.C. A argila, de acordo com Toledo (2000), é um material muito abundante na crosta terrestre, proveniente da decomposição das rochas feldspáticas por milhões de anos. (MOURÃO, OLIVEIRA, MOREIRA, 2018, p.2). Como pode se observar a cerâmica é item muito antigo, e devido a sua capacidade de reutilização desse material para outras finalidades, com uma carga de utilização que vai além da sua forma ela se tornou de grande valia em todo mundo.

“Como matéria-prima que caracteriza um território, a cerâmica teve a capacidade de contribuir para a criação de centros urbanos como poucos outros materiais, conseguiram adaptar-se aos condicionamentos locais, tornando-se num portador da cultura do lugar” (APARO, 2010, p.22 APUD MOURÃO, OLIVEIRA, MOREIRA, 2018, p.3.)

Há também uma escolha de argila para que possa ser constituída uma cerâmica entre duas categorias: argila primária e secundárias (que são as sedimentares), as primárias advém de uma rocha mãe e são muito pouco plásticas em relação as sedimentares e/ou secundárias. As rochas sedimentares são de base cristalina e acompanhadas de muito temperos por isso são mais plásticas e de fácil controle de

modelagem (podem conter dentro delas rochas feldspáticas granitos e entre outros). O “fazer cerâmica” está totalmente cercado de uma ritualística desde quem faz, aos cânticos que são entoados pelas oleiras, hoje em dia é mais comum que as mulheres façam cerâmica. Na tribo dos Tapirapé como afirma Graziato (2018) a fabricação dos cachimbos é exclusivamente masculina, somente as panelas é trabalho feminino. Essa questão de cerâmica ser um trabalho feminino é relativo algumas tribos o trabalho é totalmente feminino e outras que os homens produzem também. Segundo Levi Straus (1985) em algumas poucas comunidades tribais são os homens produzem cerâmica. A cerâmica é um dos artefatos mais antigos, passando a substituir madeiras, pedras e outras vasilhas feitos de outros materiais menos maleáveis. Falar sobre cerâmica é compreendê-la como artefato (cultura material). Para Ribeiro (1985 p.1) cultura material “é um indicador do desenvolvimento tecnológico de um grupo humano”.

## 2.1 GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS

No Brasil as pesquisas arqueológicas sistemáticas se iniciaram com o PRONAPA em 1960 (Programa Nacional de pesquisas arqueológicas), que levaria os estudos arqueológicos a um grande patamar tanto para pesquisas com cerâmica como para tantas outras. Esse cultural material virou o principal item pra afirmar características culturais de diversas tribos que deixavam o seu “próprio jeito” marcado na argila para diferenciar-se de outras tribos. Hoje em dia os estudos sobre este material não são apenas quantitativos, mas então mais ligados a compreensão de toda uma cultura. No Nordeste este tema é pouco discutido (não por não possuir grande variedade e variabilidade de material) por vários motivos a pesquisa aqui tem avançado de forma vagarosa. A cerâmica necessariamente não surgiu por causa da agricultura e as necessidades que vinham com ela, porém essa necessidade se vincula a agricultura auxiliando em seu crescimento deliberado em outras regiões. Essa presença massiva das cerâmicas dentro da agricultura pode ser explicada pela relação de custo e durabilidade que ela traz, porem Luna (2001) afirma que embora existam grandes grupos pré-históricos, a etnografia vem observando que os grupos utilizavam também outros tipos de recipientes para transporte e armazenamento e que existem grupos ceramistas que não praticavam a agricultura. Essa hipótese é uma via de mão dupla, uma não necessita da outra para existir, mas coexistiram juntas em algum momento da história auxiliando-se.

“Pelo conhecimento adquirido até o presente, sabemos que no Brasil não há dados que comprovem a existência do cultivo de plantas anteriores a 4 mil anos do presente, sendo, portanto, inseguro relacionar cerâmicas mais antigas com qualquer pratica agrícola.”  
(Luna ,2001, pag. 4)

Na arqueologia existem o que chamamos de terminologias para as cerâmicas que nada mais são que classificações dadas às cerâmicas, que são definidas por algumas das características: pela sua forma, decoração, antiplástico entre outros.

Estas terminologias são utilizadas tanto para que seja possível o reconhecimento das técnicas utilizadas para a confecção do material cerâmico, bem como para a definição das diferentes tradições culturais.

Sobre cerâmica é imprescindível falar sobre as tradições, que a arqueologia lhe atribuiu para melhor compreender as culturas. Tradições foram utilizadas para classificar os artefatos arqueológicos (cerâmicos) que foram encontrados nos sítios arqueológicos e fazer uma diferenciação clara de cultura para cultura. Tornando-se assim mais fácil reconhecer o que cada cultura tinha de diferenças entre seus artefatos. Segundo Chmyz (1976), o conceito de tradição diz respeito a um: \_ “grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal”, que leva ao ideal de que tradições eram passadas de geração em geração entre os grupos que eram difundidas entre eles. Dentre estas tradições ceramistas, temos, algumas são conhecidas aqui na região Nordeste: Tradição Aratu, Tradição Tupi-guarani.

As fases e tradições cerâmicas identificadas carecem de suporte teórico-metodológico, de forma que não contribuem para a formação de um quadro geral, ou seja, implicitamente a cerâmica é apresentada como um elemento de interpretação completo em si mesmo, gerando um ciclo onde se parte da cerâmica e novamente se volta a ela. (NASCIMENTO, ALVES, LUNA, 1990, p.105)



## **2.2 ARQUEOLOGIA NO NORDESTE: POVOS QUE HABITAM O SERTÃO E SUAS CERÂMICAS**

Antes de adentrar sobre o material cerâmico dos Kiriri e todo o seu processo de manufatura é necessário uma pequena explanação sobre como se deu a arqueologia no Nordeste (com foco nas pesquisas de cerâmica e uma pequena passagem sobre arqueologia na Bahia) e quais os pontos importantes dentro dessas análises que trouxeram ao que sabemos sobre arqueologia no Nordeste.

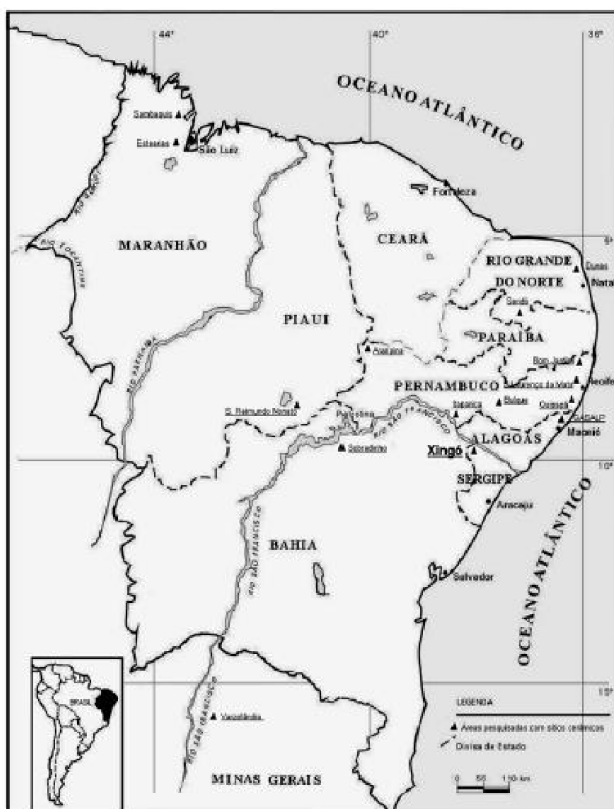
O Nordeste ficou à margem das pesquisas iniciais, das quais ficaram suprimidas em comparação às outras regiões do Brasil. As primeiras investigações ficaram a cargo de Carlos Estevão de Oliveira, que em 1930 explorava o médio Rio São Francisco, em Pernambuco, e coletava as informações etnográficas sobre os índios Pankaraku, etnográfico porém aproveitou para coletar informações arqueológicas. Oliveira, ficou conhecido por conta da Gruta do Padre, que foi um achado do pesquisador guiado por informações que os nativos deram a ele e em 1937 foi divulgado o trabalho “O ossuário da Gruta do Padre em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas no Brasil” (Martins 1996,p.37). Em 1970 o nordeste teve mais foco com as pesquisas na Serra da Capivara no Piauí com Niede Guidon junto com a missão franco-brasileira. Em suas primeiras pesquisas focaram nos estudos de registros rupestres que eram e são de extrema importância para a região. Esses trabalhos na região do Piauí, principalmente no sítio Boqueirão da Pedra Furada (que foi escavado entre 1978 e 1988), por exemplo conta com datações de aproximadamente 50 mil anos A.P. (o que trouxe grande repercussão e grandes discussões) levando assim a arqueologia rever seus conceitos sobre a chegada dos primeiros habitantes na América, que até então acreditava-se que era de 13 mil anos A.P. É importante salientar que esses trabalhos têm sido muito mais recorrentes nos dias atuais e que isso se deve aqueles necessários primeiros engajamentos da arqueologia e de nomes como Valentin Calderón na Bahia, Nassáro Nasserr no Rio Grande do Norte, que atuaram junto ao PRONAPA e causaram o alavancamento da arqueologia no Nordeste. Graças, aos investimentos também de pessoas e museus interessados no crescimento da área aos poucos a arqueologia foi se tornando de

grande importância como é nos dias atuais. Oliveira (2012), coloca uma passagem sobre esses grupos pré-históricos ceramistas:

Os primeiros trabalhos sobre grupos pré-históricos ceramistas no Brasil apresentam abordagens evolucionistas, difusionistas ou exclusivamente artísticas. (OLIVEIRA,2001, p. 12)

No mapa abaixo podemos localizar algumas dessas regiões, com cerâmica que foram citados aqui, no texto. Cerâmicas do período Colonial, como Pernambuco, Bahia e outros estados.

**Figura 4: Imagem da distribuição de importantes áreas de ocorrência de cerâmica pré-colonial na região Nordeste do Brasil.**



Fonte: Luna, 2006.

É preciso mencionar autores importantes que contribuíram significativamente não somente com a arqueologia no estado mas com as pesquisas sobre a pré-história do nordeste como Martin (1997), por exemplo, trabalhos esses que trouxeram uma visão maior sobre a arqueologia aqui no estado e que abriram espaço para que as populações que aqui viveram pudessem ser desmistificadas. Os povos que habitaram e habitam Nordeste têm suas particularidades e diferenças dos povos de outras regiões e é isso que a arqueologia aqui no estado quis mostrar que mesmo com suas particularidades eram povos que estavam fazendo cerâmica, adornos, rituais como outros povos também estavam a fazer.

Antes de falar sobre os povos que residiam e aqui residem no Nordeste uma pergunta precisa ser feita, ainda existem índios no Nordeste? Para responder essa indagação é preciso voltar um pouco à noção que temos sobre como os índios são no nosso breve conhecimento sobre sua cultura. Esse conhecimento que possuímos, que foi no passado pelos livros escolares de como os índios deveriam ser, é uma ideia um pouco ultrapassada nos dias atuais, hoje se reconhece que uma cultura não estática, ela é dinâmica, então porque somente o modo de vida dos índios não deveria se modificar? A compreensão ainda fica pelo fato de que eles não deixaram de viver como índios “antigos” porque hoje eles aproveitam o que a tecnologia pode nos proporcionar, eles apenas adequaram essas tecnologias às suas vivências. Esses indígenas emergentes nos fazem sempre ter a ideia de que as novas identidades étnicas não são tão bem aceitas, e que os índios que andavam pelados tinham mais direitos dos que os índios que sobreviveram aos dias atuais.

Os povos que habitavam o nordeste brasileiro tinham uma diferenciação dos outros povos que habitavam ao país, adentrando mais as terras do sertão (onde se encontra nosso objeto de estudo).

Os nativos que aqui residiram e residem eram conhecidos pelos missionários que escreveram seus relatos sobre essa população, pelo nome de “Tapuia”, como já foi colocado no capítulo anterior. Esta designação hoje caiu por terra e não se é usada mais para definir tais índios. Outra definição que era usada para definição desses é a de caboclos (que são os mestiços que é a mistura dos índios com os brancos). Para

Silva (2015), os grupos indígenas que viviam nestes locais onde era localizada as aldeias começaram a ser denominados de caboclos, e muitos desses índios assumiram essa identidade para evitar conflitos com os invasores de suas terras que os perseguiram.

É a partir de imagens que são construídas e tecidas com base num pertencimento ao passado ou quando são grupos contemporâneos, que estão em vias de desaparecimento, que estão completamente hibridizados, salvo aqueles que não foram ainda oficialmente contatados, aí sim são os índios que sobreviveram ao contato.

(...) os grupos étnicos não se opõem por terem culturas diferentes, mas sim que suas fronteiras são traçadas pela acentuação de algumas marcas, que operam como sinais diacríticos(...). (Barth, 1969. Apud Melatti, 2007).

Para um completo entendimento é preciso lembrar que esses índios eram afastados do Tupi pois viviam afastados do litoral e moravam nas beiras do sertão e da caatinga. Suas diferenças são singulares e perceptíveis não só pela diferença de locais que habitavam, mas também por seus ritos, alimentos cultura material e outras características. A pergunta é, quem são os Tupis e quem são os Tapuias? Por designação, e de uma maneira mais simples, são todos índios. Os Tapuias eram considerados diferentes por não falar a língua tupi e eram índios aos quais foram se mesclando com a população local do Nordeste e viriam, num futuro serem denominados de “caboclos” pela população não índia.

“A perspectiva colonial, do europeu branco explorando um passado exótico e distante, predominou até a institucionalização da arqueologia dentro de museus e centros de pesquisa científica, a partir do século XIX. Ironicamente, movimentos que valorizaram a cultura indígena, como os movimentos nativistas, o romantismo, e mesmo o modernismo, pouco influíram no desenvolvimento de uma

Mas então, como foi que esses índios foram parar em área de caatinga ou seja no sertão? Segundo Gabriela Martin (1998), esses grupos chegaram na região do Médio São Francisco através do planalto goiano, das cabeceiras do alto São Francisco e pela ampla rede de afluentes da Bahia que deságuam no São Francisco. Esse pensamento faz sentido, devido às ocupações mais antigas encontradas nesta região. Tratando de expansão ou migração esse é o debate não só na arqueologia mas também em outros ramos da ciência, como foi comentado anteriormente aqui, Tapuias é uma designação não apenas aos índios que viviam afastados do litoral, também é uma designação aos índios que não falam a língua tupi, como os Xocós, os Kariris, Kiriris e outros. O nome Tapuia vem do tupi que significa ‘fugidos da aldeia’. Os Tupis denominavam de Tapuias as outras etnias que tinham costumes muito diferentes. Não é uma designação de uma etnia, era uma diferenciação que os próprios Tupis davam a um povo com um costume muito contrário ao deles.

As cerâmicas do nordeste são um marco de diferenciais importantes para os povos originários que aqui habitam, e é certo afirmar que por mais que haja características próprias das cerâmicas do sertão e do nordeste como um todo o ponto crucial é que eles ainda continuam a fazer a cerâmica, seja por uma questão de sustento para a comercialização da própria em feiras, seja para uso diário dentro da própria aldeia.

Mesmo que os estudos sejam poucos sobre os índios no Nordeste, é possível compreender um pouco mais sobre esses nativos que sobrevivem aqui, e conhecer sua luta diária para exercer seu direito de ser índio nos dias atuais.

Todo esse contexto sobre cerâmica no Nordeste é para a melhor compreensão de onde os Kiriri se inserem nesse contexto como os índios do sertão e toda a sua cultura.

## 2.3 – ARQUEOLOGIA NA BAHIA PRIMEIROS PASSOS

Falar sobre a arqueologia e seus primórdios na Bahia é necessário lembrar de dois grandes nomes como Carlos Ott e Valentin Calderón. Por mais que a arqueologia no Nordeste tinha sido pouco difundida à época como vimos no item anterior a Bahia trouxe significativas pesquisas para a área. As primeiras pesquisas que advindas de autores baianos se caracterizavam, segundo Trigger (1992), no cunho de antiquarismo e toda a sua visão romântica e “burguesa” dessa “pseudociência”.

Pode-se dizer então que a atenção voltada para o passado clássico foi o que deu início ao antiquarismo (THOMAS,2004). No entanto, nessas pesquisas literárias/históricas financiadas pela nobreza ascendente e pela burguesia (TRIGGER, 2004), a Arqueologia entrava apenas com a coleta dos objetos que ilustravam esses documentos, dando-se preferência para objetos inteiros e com valor estético. (MURTA,2011, p.20)

Como boa parte dos pesquisadores à época começaram com uma formação de outra área, para então só depois se especializar na arqueologia (era comum pois não se possuía cursos de graduação em arqueologia como hoje), quatro grandes nomes ganharam destaque ao se falar de arqueologia no estado, são eles: Vital Rego , Thales de Azevedo , Carlos Ott e Valentin Calderón. Para iniciar falaremos brevemente sobre alguns deles e como iniciaram suas carreiras junto à arqueologia. Vital Rego foi quem deu início aos trabalhos de arqueologia na Bahia, de formação era médico e residia em Salvador, conseguiu fazer uma pequena coleção de machados líticos os quais foram encontrados às margens do Rio São Francisco na década de 1940. Seus trabalhos não levaram em consideração o contexto arqueológico pois, como visto mais acima a prática do antiquarismo era a mais

enraizada e por isso muitos autores da época faziam as suas coleções como ele que começou por simples curiosidade. Com essa coleção de machados líticos ele iniciou seu caminho na arqueologia e hoje em dia a sua coleção se encontra no MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, coleção leva o nome do pesquisador. Depois desse início outros célebres pesquisadores viriam beber dessa mesma fonte, porém, sem dúvidas, o que recebeu mais destaques em suas pesquisas foi Valentin Calderón. Calderón, era espanhol e já vinha da Espanha com suas bases dentro da arqueologia. Arqueólogo de formação ele se encaixou e revolucionou trazendo um dos primeiros e verdadeiros trabalhos científicos no campo da arqueologia.

Calderón já era arqueólogo desde a Espanha – a sua análise e interpretação da cultura material diferenciava-o da abordagem que até então era encontrada na Bahia: a coleta de material arqueológico no campo e a montagem de coleções (BARBOSA; SOARES, 1996 APUD. BARBOSA, 2009).

Um dos seus trabalhos mais conhecidos está relacionado ao Sambaqui da Pedra Oca, localizado no subúrbio de Salvador. Iniciou as pesquisas no final da década de 1940, quando da sua chegada ao Brasil, e assim tornou-se base para outras pesquisas sobre Sambaqui fora do estado. Ele foi ainda nos anos sessenta um dos pesquisadores a integrar o PRONAPA -

Com o financiamento do CNPq e o Smithsonian Institution dos Estados Unidos. Tão grande sua importância ele ficou responsável por todo registro e catalogação dos sítios arqueológicos no estado.

[...] foi ele quem efetivamente assentou as bases para o desenvolvimento da arqueologia científica no estado; até hoje, quarenta anos depois, seus trabalhos são referências aos estudos das populações pré-coloniais do Nordeste. Muitas das classificações de tradições arqueológicas de cerâmica, de representação rupestre e de lítico devem-se aos estudos de Calderón; algumas, por exemplo, ainda são muito utilizadas, como a tradição lítica Itaparica e a tradição cerâmica Aratu. Na reserva técnica e arquivo do MAE a quantidade

de documentos e materiais arqueológicos de seus trabalhos é imensa.  
(COSTA, 2005, p. 55)

Na Bahia, um dos grupos ceramistas que se tem conhecimento é o da Tradição Aratu (definido por Calderon). Era um grupo horticultor ceramista, como coloca Etchevarne no texto sobre o Patrimônio arqueológico da Bahia. Para identificação desse grupo é possível enquadrar como um povo que fabricava urnas funerárias. Essas urnas possuem uma forma única cuneiforme ou periforme. Com decoração simples este tipo de cerâmica foi muito utilizado para rituais funerários, tanto para jovens como adultos.

Não obstante, algumas alterações deste padrão foram observadas na região litorânea do sul de Recôncavo até o extremo sul da Bahia, em que apresentam uma faixa de 5 a 10 cm beirando a abertura, com apurada decoração corrugada, técnica decorativa que foi aplicada também em outros recipientes domésticos litorânea do sul de Recôncavo até o extremo sul da Bahia, em que apresentam uma faixa de 5 a 10 cm beirando a abertura, com apurada decoração corrugada, técnica decorativa que foi aplicada também em outros recipientes domésticos. (ETCHEVARNE, FERNANDES, 2011, p.38-39)

As urnas eram acompanhadas de uma tampa ou melhor um opérculo, que servia para lacrar a urna e evitar a entrada de sedimentos dentro delas. Segundo Etchevarne (2011) as, urnas às vezes poderiam conter um acompanhamento como tigelas pequenas, lâminas de machado, pingentes, contas de colares e etc. O autor ainda coloca que o alto número encontrado desses objetos se deve ao fato deles residirem muito tempo em um local só e de serem um grupo muito populoso.

Diversas urnas ainda são estudadas até os dias atuais, como o exemplo daquelas encontradas na Praça da Vila Piragiba localizada em Muquém de São Francisco, sendo que boa parte dessas urnas foram encontradas por causa de uma erosão fluvial que arriscava inundar o sítio. O desaparecimento da Tradição Aratu, ao longo dos anos, se deve provavelmente ao deslocamento (ondas migratórias tratando de



expansão desses grupos) de nações Tupis para essas áreas. Com a chegada de outros grupos na mesma área a cerâmica Aratu foi dando lugar às cerâmicas Tupis, levantando a hipótese de contato entre esses grupos possível conflito. A cerâmica Tupi era encontrada em vários lugares da Bahia assim como era a Aratu, alguns materiais encontrados estavam na região do submédio São Francisco.

Esses fragmentos de recipientes cerâmicos com características Tupi, junto a certos objetos líticos polidos (lâminas de machado e tembetás), podem ser interpretados como elementos identificadores de uma penetração Tupi pelo Rio São Francisco. Tratar-se-ia de uma migração em áreas de domínio de outros grupos pré-existentes, como os do tronco linguístico kariri. (ETCHERVANE, FERNANDES, 2011, p.42-43)

Como a tradição Aratu, existem vários sítios Tupis por toda a Bahia, porém grande parte dele está concentrado na parte litorânea do estado. Os Tupis também fabricavam cerâmicas para rituais e enterramentos funerários, sendo que esse grupo se destaca pelo tratamento de superfície que era dado nas suas cerâmicas e nos detalhes que eram colocadas nelas. sendo que as decorações mais difundidas por esse grupo são as decorações pintadas e plásticas, tendo utilizado muito da técnica do corrugado para as suas peças cerâmicas (eles se utilizam também das técnicas inciso e ungulado, além de pinturas com motivos geométricos nas suas cerâmicas).

As datações mais antigas dos grupos Tupi, na Bahia, os situam em uma faixa cronológica que se inicia em torno de 700 anos BP e que se prolonga até tempos coloniais, sendo eles os grupos indígenas que mantiveram maior interação com as primeiras frentes de instalações portuguesas na faixa do litoral (CALDERÓN, 1973, p. 26 apud Etchevarne et al Fernandes 2011 p.45)

As pesquisas arqueológicas na Bahia foram importantes para conhecimento desses grupos apresentar as possíveis diferenças e similaridades que as cerâmicas Kiriri possuem com outras cerâmicas de outros povos da região.

### **CAPITULO 3 – CERÂMICA KIRIRI**

Essa técnica de modelar para dar vida ao barro é a mais antiga que existe e que mais lhe permite fazer dela o que bem entender, pela sua fácil modelagem por isso é usada até hoje pelos nativos, e é uma arte que supera o tempo. A cerâmica é essencial para a vida dos povos nativos aqui discutidos pois através dela podem realizar seus rituais, armazenamento, e até a sua venda para o público externo, ajuda na sua sobrevivência (é imprescindível lembrar que eles não fazem somente vasos, mas também figuras zoomorfas). Segundo Barreto (2010) a palavra “Keramus” no grego tem o significado de argila, barro, vaso e dela ainda vem a designação Keramiké que geralmente se entende que é a arte de dar forma a terra. A arqueologia coloca que os primeiros vasos cerâmicos eram para armazenamento.

[...] a cerâmica é largamente disseminada. É uma arte que os índios conheciam e, embora perdessem com o contato dos brancos, em muitos casos, a sua habilidade e espontaneidade nativas foram nelas empregadas em grande escala pela colonização. [...] é a cerâmica a principal ocupação local. (JUNIOR, 1963, p. 222-223)

O trabalho realizado na tribo Kiriri para estudar sua cerâmica se deu em dois lados da aldeia, com cerâmicas da mesma tribo, em dois polos diferentes, na base da Mirandela e na base da Marcação e Novo Segredo. A cerâmica Kiriri tem como base ser um trabalho que as mulheres fazem. O método de fazer a cerâmica utilizada é o acordelado, onde se coloca um rolete sobre o outro rolete em forma de espirais, sendo que esse método é o mais utilizado dentre os indígenas brasileiros. Esse processo de manufatura começa quando os índios vão em busca da argila na beira dos riachos que se encontram na região, é um trabalho árduo que exige muito, porém a busca da melhor argila é sempre essencial para a confecção da melhor cerâmica.

Ao contrário do que muitas vezes se imagina as argilas, assim como areia, não representam um tipo de composto químico específico. [...] Outra característica dessas partículas é o fato de, quando umedecidas com água, formarem uma mistura com certa plasticidade. (ROCHA, et al., 2014, p.1111)

Os antiplásticos são de extrema importância para que a cerâmica (lembrando que a cerâmica é constituída por materiais plásticos e não plásticos que são os minerais) perca sua plasticidade excessiva, de forma que não quebre durante o processo de secagem e queima, que torne a cerâmica mais resistente. Geralmente são adicionadas como tempero os fragmentos das vasilhas que se quebraram (um costume dos Tupis).

As cinzas que sobram da madeira utilizada durante a queima das peças cerâmicas servem como antiplástico, o que é um costume tradicional dos Kiriri, como também de alguns índios do Brasil... (RIBEIRO, 1972, pag.60)

Os Kiriri utilizam cinzas para dá mais plasticidade é um costume local, essa utilização é importante para garantir a maleabilidade do material (segundo os nativos isso é necessário pois o barro é muito forte e sem essa mistura o cerâmica se quebra no forno). O barro que a tribo Kiriri utiliza é local e com propriedades próprias, fica em um local bastante afastado da Aldeia central Mirandela (situa-se entre as serras) por isso quando se vai buscar passam se muitos dias para trazê-la e trazem em grande quantidade para confecção dos vasilhames

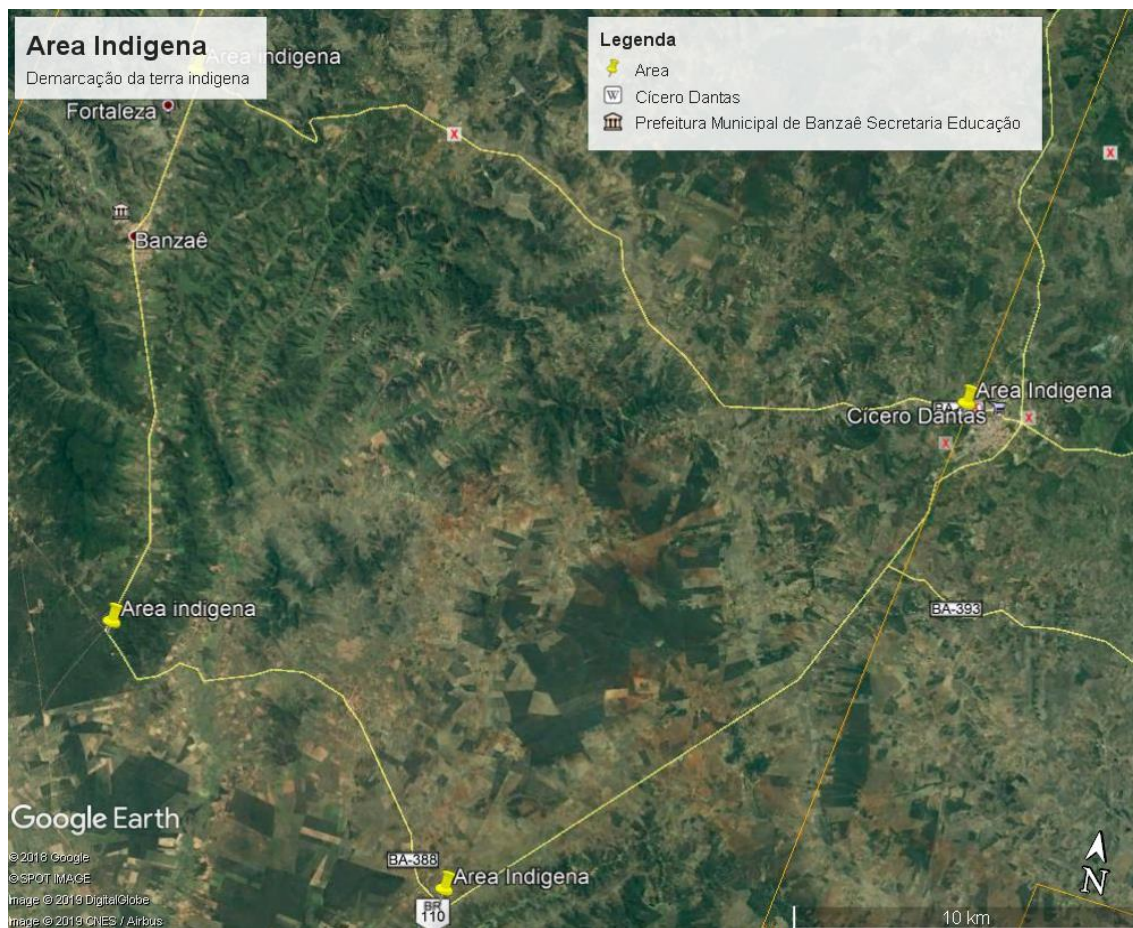
Figura 5: Serra do Araçás, local da coleta de argila



Serra do Araçás, 2016 - Fonte: Arquivo da autora

A serra mostrada acima é onde se encontra o barreiro que fica distante da aldeia é um local de difícil acesso. A ida desse local pela questão da distância é feita por mulheres e homens para que todos possam trazer uma grande quantidade de barro para a aldeia. Na foto abaixo se encontra a demarcação da terra indígena que está sendo delimitada pelo círculo em amarelo e as regiões que delimitam como a cidade de Cícero Dantas. Banzaê faz parte da área indígena, pegando um pedaço da terra.

Figura 6: Área delimitada da terra indígena Kiriri



Área delimitada da terra indígena Kiriri -Fonte: Google Earth,2019

Figura 7 - Praça central da Mirandela



Praça Central da Mirandela - Fonte: Arquivo da autora, 2018

Algumas das cerâmicas que serão mostradas aqui possuem uma decoração pintada o que é comum dentro das decorações mais simples que os Kiriri se utilizam para a fabricação da mesma. Algumas outras também possuem uma decoração de estilo escovado, porém boa parte das cerâmicas fabricadas possuem esse tratamento de decoração pintada de forma que valorize ainda mais o artefato. É interessante pensar que eles só fazem cerâmica quando estão no verão pelo fato de a queima do material ser feita em um local aberto, a queima é feita é uma fogueira artesanal. Que é um buraco cavado com toras de madeira embaixo, ao redor recoberta com tijolos, e em cima fazendo uma superfície com tijolos, um do lado do outro dando espaço para que o calor saia. Estes tijolos na parte de cima são como uma superfície para que a cerâmica seja colocada para a queima (ver figura). Antes que a queima seja feita as cerâmicas ficam secando em um quarto até que elas estejam prontas para serem queimadas. Segundo Bandeira (1972), não é um costume da tribo deixar as cerâmicas secarem ao sol, elas ficam armazenadas até a queima. O forno fica um



local comunitário para que as mulheres façam a queima do material todas em conjunto. Durante a queima as vasilhas ficam amontoadas e não se tem muito controle da queima(o forno é tampado com cacos cerâmicos), portanto algumas cerâmicas podem sair com manchas vermelhas ou negras (devido o contato entre elas) sendo possível que algumas peças se quebrem nesse processo. Esse processo de manufatura pode ser encontrado também em outras tribos que habitam a mesma região como os Kaimbé (que ocupam uma parte da região do Massacará, em Euclides da Cunha, cidade vizinha das ocupações Kiriri).Essa questão de fazer uma cerâmica com um destino mais comercial é um jeito de manter vivo, esse traço cultural tão importante e preservar aspectos de sua cultura e memória, repassando assim aos mais novos.

Figura 8: Pote cerâmico Kiriri



Pote cerâmico Kiriri - Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 9: Forno para queimar a cerâmica



Forno para queimar a cerâmica-Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 10: Local para armazenamento das cerâmicas



Local para armazenamento das cerâmicas -Fonte: Arquivo da autora, 2018



Os Kiriri fazem sempre potes (que são conhecidos como moringa) com esses vistos na imagem acima para armazenar líquidos. Não são as únicas peças fabricadas pelos Kiriri, cachimbos (ver figura), zoomorfos, pratos e entre outros. As suas bordas não são muito reforçadas. O tratamento da superfície é bem elaborado utilizando um fruto da região que é conhecido como Mucunã (olho de boi é um dos nomes que essa fruta possui) para se fazer o alisamento das peças cerâmicas.

Figura 11: Cachimbo Kiriri



Cachimbo Kiriri - Fonte: arquivo da autora, 2019

Figura 12: Semente utilizada para fazer o tratamento da superfície da cerâmica



Semente (Mucunã) utilizada para fazer o tratamento da superfície da cerâmica- Fonte: Arquivo da autora, 2018

As decorações são em suma maioria pintadas com a utilização de uma rocha sedimentar da região conhecida com tauã que possui duas colorações: a branca e a amarela. O tauá amarelo passa pelo processo de ser pisado no pilão com água para fazer a pintura da cerâmica e o branco também é utilizado só que com menos frequência. As pedras são encontradas onde é encontrada a argila para fazer a cerâmica.

Como a aldeia é dividida em bases, entre Marcação, Mirandela, Novo Segredo e outros pontos da mesma aldeia. As oleiras usam basicamente o mesmo “jeito” para fabricação da cerâmica, a decoração fica a parte do que a oleira quer fazer. Na base da Marcação, elas costumam fazer uma decoração mais incisa nas cerâmicas, sem pintar com o tauá branco ou amarelo. As pinturas apresentam um padrão justamente pelo uso do tauá (o barro utilizado é de uma cor muito escura, porém quando a queima ocorre ela fica de uma cor mais clara) essa técnica utilizada pelos nativos, alguns desenhos geométricos também são encontrados, porém muito discretos como linhas e pontos.

Figura 13: Pilão para macerar o Tauá



Pilão para macerar o Tauá-Fonte: arquivo da autora, 2018

Carlos Etchevarne (2011) já relatava em algumas de suas pesquisas sobre os ceramistas da Bahia que essa decoração utilizada pelos Kiriri é utilizada também em outras tribos da Bahia. Ele delimita a três grupos: os de linha contínuas, de linhas descontínuas e pontos, afirmando assim que não era só o grupo Kiriri que faz a utilização dessa decoração.

Figura 14: Detalhes dos desenhos feitos na cerâmica



Fonte: arquivo da autora, 2018

Por mais simples que seja essa decoração feita por eles, podemos encontrar um padrão de arcos, pontos e linhas na grande maioria de suas fabricações. Para fazer as cerâmicas as mulheres tem apenas uma restrição, que é que as mulheres de estão menstruadas não poderem fazer cerâmica, por estarem de corpo aberto e nem se quer elas podem olhar para as cerâmicas para que elas não quebrem. O uso da cerâmica pelos Kiriri é uma forma de sustento e de disseminar mais ainda a cultura indígena de uma forma mais ampla e mais consciente. A fabricação de cerâmica é a forma dos povos originários darem continuidade a esse processo de retomada da identidade indígena, além disso utiliza-se de materiais da região para a sua confecção, de uma forma mais sustentável. Esse processo de produção faz parte sistema feminino matriarcal. A retomada é um processo importante para mostrar como os povos indígenas ainda estão vivos e tentando manter sua cultura. Levando em consideração o fato de que as cerâmicas Kiriri também tem um viés comercial, é possível perceber que existem formas que não remetem a um padrão para cerâmicas

indígenas, que são utilizadas somente para consumo interno da tribo. Podemos encontrar desde cinzeiros, portas joias, cofres em formato de animais, jarras, e entre outros itens não tão convencionais. Isso pode mostrar a influência da sociedade moderna, muda e acultura um processo que é tão característico dos indígenas, transformando em sentido tão comercial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o passado das lutas indígenas em todo o Brasil, e todo o seu processo de busca, reafirmação e mais aceitação nos dias atuais, eles buscam ser mais expressivos dentro da sociedade que compõem como seres donos da sua própria história. Quando Bandeira (1972) se propôs a estudar os Kiriri e entender seus rituais, seus processos culturais e sua cultura, deixou perguntas as quais ainda deveriam ser respondidas sobre sua cultura material. Falando mais claramente sobre cerâmicas indígenas e principalmente as Kiriri, carregam dentro de si, toda uma mensagem dos povos que as fabricaram e fabricam ainda hoje para , manter vivo esse traço cultural.

Tratando dos Kiriri, é possível perceber como eles desejam manter um padrão de motivos “gráficos” nas suas cerâmicas, (para que esses motivos que são vistos sejam percebidos como pertencentes àquela tribo), e também um exigência por parte deles, de manter sua cultura ligada à contemporaneidade, fazendo com que suas cerâmicas tenham outras formas além das habituais.

A partir do trabalho de Bandeira (1972), abriu se um leque para se falar sobre os Kiriri, a autora falava sobre seu cotidiano e suas vivências, mas deixava de lado a sua cultura material, limitando-se somente a citar os artesanatos que eles produziam. Por mais que esses grafismos a olhos que não possuem muito conhecimento sobre o assunto possam aparentar uma simplicidade ,eles se encaixam na personalidade e originalidade de suas decorações (que de tão próprias se perderam ao longo dos anos e com a mortes dos mais velhos) porém esse traço mesmo com muito esforço é mantido. Podemos inferir que esses padrões utilizados por eles se devem ao fato deste grupo, ter sido reinventado algumas vezes, enquanto reivindicavam o seu espaço por tanto tempo. Se afirmando culturalmente tantas vezes.

Essa reinvenção levou que as cerâmicas tivessem formas e funções diferentes, comerciais para abarcar essa sociedade moderna que vive dentro e no entorno de suas terras, e poderem conviver com ela dentro da sua própria cultura. Pode-se perceber que a aculturação sofrida pelos Kiriri interfere diretamente na sua cultura

material, levando a colocar decorações e formas não convencionais que foram inseridas pela cultura do homem branco. Os Kiriri estão se readaptando a essa nova vida, porém colocando suas particularidades culturais dentro do que produz, adicionando o que lhes é conveniente sem deixar de serem índios. Considerando tudo que foi discutido aqui sobre as cerâmicas Kiriri, é possível perceber a importância que a cultura material tem para essa tribo, como forma de “empoderamento” da sua cultura. Nessa busca desenfreada de serem aceitos como indígenas, a cultura material deles é a prova que eles ainda podem fazer seus costumes e passa-los para os mais novos. A cerâmica para esses indígenas, abriu espaços para que pudessem demonstrar sua cultura sem medo de julgamentos ou imposições.

Trazendo à tona esse contexto da cultura material da tribo Kiriri, é possível, mostrar, o quão esses indígenas estão comprometidos com sua cultura e fazer ela perdurar pelos anos passando os conhecimentos adiante. Pode-se dizer que acompanhar os Kiriri por dentro de sua cultura foi bastante enriquecedor. O contato com as oleiras e poder compreender como funciona o processo da fabricação da cerâmica in loco é especial. Colocar o meu discurso sobre as cerâmicas Kiriri e suas representações dentro desses capítulos é pouco para o que a cerâmica realmente representa dentro da relação dos indígenas, é o momento que eles, fabricando essa cerâmica, se mostram mais perto da sua própria história. Desse momento em diante os Kiriri passam a ser regentes da sua própria, história e cultura.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, F. L. D; **Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais**: No princípio era a cerâmica:a volta às origens. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2010. p. 1-31.

ALVES,M.A..**Estudo técnico em cerâmica pré-histórica do Brasil**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 4.ed. 1994.p.39-70.

BANDEIRA, Maria De Lourdes. **Os Kariris da Mirandela**: Um grupo indígena integrado. Universidade Federal da Bahia: [s.n.], 1972. 44-55 p.

BARBOSA, Elvis Pereira; **Dossiê arqueologia hoje**: Arqueologia na Bahia: uma história em construção. 1. ed. s/n: s/n, 2009. p. 15-32.

BARRETO, Cristiana. **A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da Arqueologia no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n.44, dezembro/janeiro 1999-2000. p. 32-51

BARRETO, H. M. D. P; **Produção cerâmica a Xokó: a retomada de uma identidade**: A produção cerâmica Xokó. 1. ed. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010. p. 71-77.

BRASILEIRO, Sheila. **Organização política e processo faccional no povo indígena Kiriri**. Universidade Federal da Bahia: Dissertação de mestrado apresentado ao curso de Filosofia e Ciências Humanas.1996. 47-191 p.

CARDOSO, Gabriel Novais. **UM PRA VOCÊ, MUITOS PRA GENTE”: SITUAÇÃO POLÍTICA E DISTINTIVIDADE INTRA-ÉTNICA NO POVO KIRIRI**. 2018. 119 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Departamento de Antropologia e Etnologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

DANTAS, Beatriz e outros (1992) “Os povos indígenas do nordeste brasileiro, um esboço histórico. In: Carneiro da Cunha, Manuela (org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: FAESP/SMC/Companhia das Letras. P. 431-456

FAGUNDES, Marcelo. **O conceito da paisagem em arqueologia: os lugares persistentes**. HOLOS, s/n, v. 9, n. 2, p. 301-315, mai./2009.



GONZÁLEZ, E. M. R; **Teoria e métodos na análise cerâmica em arqueologia:** subtítulo do livro. 8. ed. São Paulo: Revista do museu de arqueologia e etnologia, 1998. p. 287-294.

GRAZIATO, V. P. P; **Cerâmica Kadiwéu processos, transformações e traduções:** Uma leitura do percurso da cerâmica Kadiwéu do século XIX e XXI. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de comunicação e artes, 2008. p. 1-126.

HECKENBERGER, M.; PETERSEN, J. NEVES, Walter A. **De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia.** Revista de Antropologia. 1998. p. 69-96

HEMMING, J. **Os índios do Brasil em 1500.** In: Bethell, L. (org). História da América Latina: A América Latina Colonial I, volume 1. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília/DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terrence; **A invenção das tradições:** subtítulo do livro. Edição. s/n: Paz e Terra, 2002. p. 9-23

LATHRAP, D. W. **El Alto Amazonas.** Chataro Editores. Primera edición en español. Lima- quitos, agosto de 2010.

LUNA, S. **Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-histórica no Brasil.** In: Revista Clio Arqueológica, nº 16, v. 01 UFPE, Recife. 2003

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** 5. Ed. Recife: Ed. UFPE, 2005.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil:** Identidades Indígenas. 1. ed. São Paulo: USP, 2007. p. 31-55.

NOELLI, F.S. **A ocupação humana na região sul do brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000.** REVISTA USP, São Paulo, n.44, dezembro/fevereiro 1999-2000. p. 218-269

OTT, C.F.; **Boletim do Museu Nacional:** Contribuição a arqueologia baiana. 5. ed. Rio de Janeiro: s/n, 1944. p. 1-73.

PACHECO DE OLIVEIRA, João (org.) **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória** Rio de Janeiro: [s.n.] 2011.

PINTO, K. L. D. M; **Arqueologia e conformação de identidades das comunidades indígenas do nordeste: um estudo de caso dos Xucuru Kariri:** subtítulo do livro. 1. ed. Laranjeiras: PROARQ, 2013. p. 21-43

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF\_FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade** Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998

REESINK, Edwin B. **Índio ou caboclo**: notas sobre a identidade étnica dos índios do nordeste. Salvador: Universitas, 1983. 121-137 p.

RIBEIRO, Berta G. Os estudos de cultura material: Propósitos e métodos In: Revista do Museu Paulista Nova Série Vol. XXX São Paulo USP 1985

ROSALBA, Lélia M. F. G. "O Posto Indígena de Mirandela". Boletim do Museu do Índio. No 01. Rio de Janeiro, FNI, 1976.

SÁ, S. D. A. Revista Cepaia: realidade afro indígenas: **Variações em torno da cerâmica Kiriri**. 4. ed. Salvador: UNEB, 2001. p. 61-68.

SANTOS, Ana Flávia M. **"Índios e Posseiros: considerações sobre o conceito de identidade. Uma reavaliação do caso Xakriabá"**. Brasília:[s.n.]1994.

SOUZA DE OLIVEIRA, Natelson. **"Por direito deles, invadiram toda a terra": Uma visão regional sobre os Kiriris**. Salvador, 2008, Universidade Federal da Bahia.

Entenda o processo de demarcação. Disponível em:<<http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-53>>, acesso em 11 de maio de 2019, às 16:55 hrs

## ANEXOS

### ANEXO A: SEDE DO GRUPO DE JOVENS INDIGENAS KIRIRI



### ANEXO B: SECAGEM DAS CERÂMICAS SEM PINTURA



## ANEXO C: ARMAZENAMENTO DAS CERÂMICAS

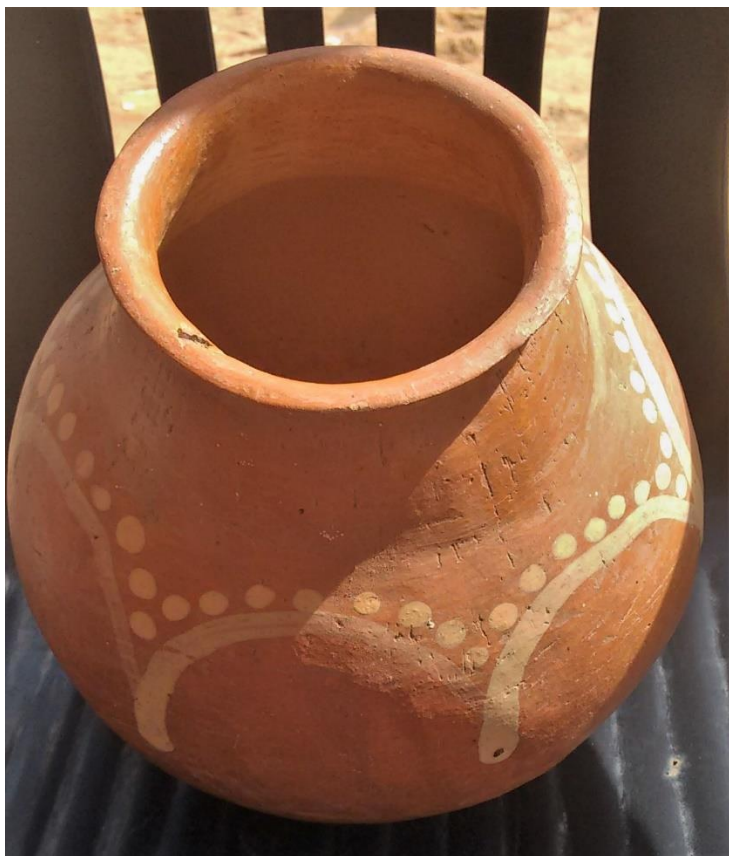


## ANEXO C: CERÂMICAS





## ANEXO D: POTE CERÂMICO



## ANEXO E: POTE CÊRAMICO (MORINGA D'ÁGUA)



## ANEXO F: PRATO CERÂMICO





## ANEXO G: ARMAZENAGEM DAS CERÂMICAS



## ANEXO H: CERÂMICAS

